DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E MÚSICA: ENTRE OS MEGAEVENTOS E OS EVENTOS MUSICAIS LOCAIS E REGIONAIS NO MATO GROSSO DO SUL

TERRITORIAL DEVELOPMENT AND MUSIC: BETWEEN MEGA EVENTS AND LOCAL AND REGIONAL MUSICAL EVENTS IN MATO GROSSO DO SUL

DESARROLLO TERRITORIAL Y MÚSICA: ENTRE LOS MEGAEVENTOS Y LOS EVENTOS MUSICALES LOCALES Y REGIONALES EN MATO GROSSO DO SUL

Felipe Adriano da Costa
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
felipeadrianodacosta@gmail.com

Destaques

- Os megaeventos musicais mobilizam circuitos superiores da economia urbana, enquanto os eventos locais e regionais os circuitos inferiores, promovendo um desenvolvimento mais enraizado nas identidades e dinâmicas culturais do território.
- O desenvolvimento que os megaeventos promovem é efêmero e orientado ao lucro, enquanto os locais, ainda que marginalizados, geram impactos duradouros ao dinamizar economias criativas e fortalecem vínculos comunitários.
- Os eventos musicais locais, ao valorizarem a diversidade cultural e as identidades regionais, configuram-se como verdadeiros agentes de desenvolvimento territorial.
- A psicosfera é um campo de disputas simbólicas, onde a música atua como meio de construção de imaginários e resistências, porém, a crítica estética na música encontra-se ameaçada pela mercantilização cultural, ainda que resista nas produções independentes e coletivas locais.

v. 16, n. 32, 2025 - ISSN 2176-9559
REL/DOI 10.30612

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar as relações dos circuitos sonoros e o desenvolvimento local, especialmente por meio dos eventos musicais. Reconhecemos duas lógicas de constituição desses eventos: a dos megaeventos, notadamente vinculados à indústria cultural globalizada; e a dos eventos locais e regionais que, em muitos casos, possuem maior diversidade de musicalidades e aderência às identidades regionais. Para tanto, utilizamos como recorte de análise os circuitos sonoros de músicas autorais do Mato Grosso do Sul e eventos musicais realizados neste estado, com maior enfoque nos que acontecem na cidade de Dourados. Partimos do estudo de caso de dois eventos musicais que ocorrem: no contexto da ExpoAgro, vinculado à lógica dos megaeventos como Rock in Rio e Lollapalooza, e no Festop (Festival de Todos os Povos), evento local que mobiliza artistas de diversas correntes musicais do estado. Traçamos dois pontos de contato entre esses eventos e o desenvolvimento territorial: os circuitos da economia urbana que cada um mobiliza nos espaços onde eles se realizam, sendo que os megaeventos mobilizam sobretudo os circuitos superiores e os locais e regionais os inferiores; e as disputas na psicosfera, ou seja, sobre os discursos, imaginários, identidades e estéticas que cada um mobiliza.

Palavras-chave: Circuitos Sonoros. Desenvolvimento Local. Megaeventos musicais. Eventos Geográficos. Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the relationship between music circuits and local development, especially through music events.We recognize two logics in the establishment of these events: the mega-events, mainly linked to the globalized cultural industry; and the local and regional events which, in many cases, have a greater diversity of musicalities and embrace regional identities.Therefore, we used the sound circuits of authorial music from Mato Grosso do Sul and musical events held in this state as a frame of analysis, with a greater focus on those that take place in the city of Dourados. We began with the case study of two musical events that take place: ExpoAgro, linked to the logic of mega-events such as Rock in Rio and Lollapalooza, and Festop (Festival de Todos os Povos), a local event that mobilizes artists from a variety musical backgrounds in the state.We've traced two points of contact between these events and territorial development: the circuits of the urban economy that each one mobilizes in the areas where they take place, given that the mega-events mainly mobilize the upper circuits and the local and regional ones the lower ones; and the disputes in the psychosphere, in other words, the imaginary speeches, identities and aesthetics that each one mobilizes.

Keywords: Sound circuits. Local development. Music mega-events. Geographical events. Mato Grosso do Sul.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las relaciones entre los circuitos sonoros y el desarrollo local, especialmente a través de los eventos musicales. Reconocemos dos lógicas de constitución de estos eventos: la de los megaeventos, notablemente vinculados

a la industria cultural globalizada; y la de los eventos locales y regionales que, en muchos casos, presentan una mayor diversidad de musicalidades y una mayor adherencia a las identidades regionales. Para ello, tomamos como recorte de análisis los circuitos sonoros de músicas de autor en Mato Grosso do Sul y los eventos musicales realizados en este estado, con un enfoque especial en los que ocurren en la ciudad de Dourados. Partimos del estudio de caso de dos eventos musicales: uno en el contexto de la ExpoAgro, vinculado a la lógica de los megaeventos como Rock in Rio y Lollapalooza, y otro en el Festop (Festival de Todos os Povos), un evento local que moviliza a artistas de diversas corrientes musicales del estado. Trazamos dos puntos de contacto entre estos eventos y el desarrollo territorial: los circuitos de la economía urbana que cada uno moviliza en los espacios donde se realizan, siendo que los megaeventos activan principalmente los circuitos superiores y los eventos locales y regionales los inferiores; y las disputas en la psicosfera, es decir, los discursos, imaginarios, identidades y estéticas que cada uno de ellos moviliza.

Palabras clave: Circuitos Sonoros. Desarrollo Local. Megaeventos Musicales. Eventos Geográficos. Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho objetivamos traçar possíveis relações entre desenvolvimento local e eventos culturais, especialmente musicais, buscando analisar e comparar como isso se dá, de um lado, a partir de grandes festivais ou mega-eventos realizados com artistas nacionais ou até mesmo internacionais que fazem parte da indústria musical globalizada e, de outro lado, a partir de pequenos eventos locais e regionais, organizados por coletivos culturais e, por vezes, financiados pelos Estados por intermédio de editais de cultura. A questão que pretendemos tensionar no decorrer deste texto é: os megaeventos musicais estão inseridos em meio a uma lógica global capitalista onde a música é caracterizada como uma mercadoria influenciada pelas grandes mídias digitais? Se sim, por que, quando comparado aos artistas locais que também teriam um papel importante no desenvolvimento local, esses megaeventos são muito mais valorizados e reconhecidos para essas mesmas estratégias de desenvolvimento local? Enquanto do lado dos megaeventos musicais há uma organização do espaço a partir de enclaves e espaços fechados, sem a participação do comércio local popular, como no caso do Rock in Rio (Figura 4) e Lollapalooza (Figura 3) que são financiados por empresas multinacionais privadas; de outro lado, dos eventos locais e regionais, tem-se a tentativa de valorização da vida urbana como a ocupação do centro e praça de cidades por meio de figuras públicas locais.

A partir do conceito de meio técnico-científico-informacional (Santos, 2013) orientamos as análises que buscamos desenvolver. Desse modo, reconhece-se que as técnicas que constituem o espaço geográfico são concretizadas em formas, objetos e materialidade, conformando uma verdadeira tecnosfera. Porém, o espaço geográfico na sua expressão atual, como no caso da cidade, também é resultado de um conjunto de pensamentos, ideias, culturas e imaginários, que conformam uma psicosfera. Devemos salientar que essas dimensões do espaço, envolvendo especificamente a cidade de Dourados, são motivadores para pensarmos na problemática central no artigo, tomando como recortes empíricos alguns eventos musicais, como o Festop e a Expoagro como dois opostos. O Festop, que mobiliza uma porcentagem maior da diversidade cultural do Mato grosso do Sul, dando espaço a produtores musicais autorais do Estado; enquanto a Expoagro possui maior vínculo com as bases "ideológicas", econômicas e políticas que hegemonicamente movimentam o Estado, como é o caso do Agronegócio. A partir desses casos, buscamos compreender os dilemas e problemáticas relacionadas aos eventos locais inicialmente e posteriormente os megaeventos, analisando-os como possíveis agentes de desenvolvimento local.

Ao longo do artigo, procuramos trazer pontos de reflexão que contribuam pensar sobre a construção de imaginários e discursos coletivos sobre a razão neoliberal (Dardot; Laval, 2016) a partir da música e seus eventos, entendendo que em meio ao mundo globalizado esses elementos hegemônicos da psicosfera atual são ao mesmo tempo condição e produto de uma tecnosfera que se expressa e orienta as formas de organização e de usos do território. Para isso, o trabalho tem como centralidade a música, um meio de socialização, afetividade e exposição de atrocidades vividas. A música é um elemento primordial na vida dos humanos, para lazer e sobrevivência, tornando-se então um meio para circulação afetiva, um verdadeiro circuito de afetos (Safatle, 2016). Entendida desse modo, a música pode ser reconhecida como meio de circulação e justificativa da razão neoliberal de modo "camuflado", ao mesmo tempo que elemento de socialização (ou exclusão) de alguns grupos ditos "marginalizados" e suas resistências às diversas formas de dominação atual.

Como recorte empírico nos valeremos da música autoral sul-mato-grossense, principalmente a partir dos eventos musicais locais e regionais dos quais ela faz parte,

como possíveis caminhos de resistência ou alternativa aos discursos e ideologias dominantes e indutora de desenvolvimento local na cidade de Dourados. Ainda que essas formas de musicalidade estejam diluídas em meio às ofensivas neoliberais, que operam na conformidade ou normalização das expressões musicais, entendemos que para estabelecer alternativas à lógica dominante de desenvolvimento econômico que vigora na cidade, na região e no estado profundamente atrelada à ideia de competitividade[1], é fundamental o fortalecimento de outros circuitos sonoros e cenas musicais (Alves, 2014), e que eles estejam material e imaterialmente no centro de estratégias alternativas para o desenvolvimento local e regional.

Para melhor estruturar as discussões e análises aqui propostas, o artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, exploraremos a construção dos conceitos relacionados aos megaeventos, com ênfase na transformação do conceito direcionando os mesmos para os megaeventos musicais e seus circuitos sonoros. Em seguida buscaremos apresentar de forma direta os eventos musicais do Mato Grosso do Sul, analisando como são tratados e recebidos pelo público através das demandas sociais. É claro que ao decorrer do texto exploraremos a discussão sobre os circuitos sonoros regionais, compreendendo os espaços como algo dinâmico da produção cultural, sendo articulado entre diferentes agentes da economia criativa. A partir disso, destacamos os eventos locais como parte fundamental do desenvolvimento territorial, sobretudo ao se referir ao fomento da produção cultural e às relações de trabalho que estruturam os circuitos econômicos do Mato Grosso do Sul, por fim, articularmos o contraste entre os eventos locais e megaeventos discutindo as implicações na construção de novas formas de trabalho e fortalecimento do circuito sonoro regional.

OS EVENTOS MUSICAIS NO MATO GROSSO DO SUL: ENTRE OS CIRCUITOS SONOROS REGIONAIS E GLOBAIS

Para guiar as reflexões envolvendo os eventos musicais e o desenvolvimento local que pode derivar deles, tomamos como orientação teórica a de Milton Santos (2009) para o entendimento dos Eventos Geográficos (usado aqui com letra maiúscula somente

[1] Trata-se, para Carlos Vainer (1999), de um discurso ideológico que, em sua vertente urbana, configura políticas de promoção e legitimação de certos projetos de cidade tornados emblemáticos da época presente. Sua imagem publicitária são as chamadas “cidades-modelo”.

para distinguir dos “eventos musicais”). Para esse geógrafo, os Eventos não são equivalentes à localização, pois eles não simplesmente ocorrem em um determinado local, mas sim à situação, pois eles transformam, desorganizam e organizam as bases materiais e imateriais dos lugares, ou seja, para além de revelar um “sítio” determinado de ocorrência, os eventos e suas situações geográficas também apontam para as ações e as solidariedades geográficas imbricadas (Silveira, 1999). Por essas razões, a análise dos Eventos envolve reconhecer não só os “impactos” de sua realização, aqui no caso se promovem ou não formas de desenvolvimento local, mas ao mesmo tempo sua origem e os agentes envolvidos na sua construção (Santos, 2009), identificando em que medida eles derivam ou não de totalidades superiores ao lugar, se são constituídos por variáveis e imperativos da globalização, como informação e finanças, e competitividade e eficácia; ou por ordens e sentidos do próprio lugar e da região, como cultura e identidade, trabalho e renda.

A partir desses pressupostos, podemos mobilizar o conceito de megaevento (Vainer, et al, 2016) para analisar os eventos musicais, ainda que ele seja mais comumente operacionalizado em pesquisas que analisam grandes eventos esportivos (Mascarenhas, 2014) e onde ganha melhor definição e alicerce conceitual e teórico. Porém, realizando os devidos ajustes, entendemos ser possível empregá-lo para analisar grandes festivais musicais, como o Rock In Rio e o Lollapalooza, que se tornam megaeventos dadas as estruturas de construção material, observado nas transformações da organização do espaço e do meio ambiente construído das cidades, e também imaterial, como é o caso do espaço que ocupam em diversas mídias globais e locais. Esses eventos são voltados à produção, consumo e disseminação de músicas e que tomam principalmente as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro como palco para essas atrações musicais, de modo a atrair maior público por meio de veículos informacionais, principalmente veículos digitais, como as redes sociais.

Como bem apontado por Contrera e Moro (2008), o megaevento responde às novas dinâmicas da cultura de massas, especialmente quanto à experiência da velocidade na contemporaneidade, profundamente influenciada pela onipresença dos meios de comunicação. Iremos analisar com mais atenção a presença da Expoagro em Dourados, Mato Grosso do Sul como um evento local que possui especificidades

parecidas com os megaeventos discutidos, como o Rock in Rio e o Lollapalooza, que diretamente replica em seus circuitos sonoros muitas das lógicas que constituem aos eventos que fazem parte da metrópole, como a preparação da cidade para o recebimento de uma grande demanda populacional, inflacionados pelas "grandes" atrações da música sertaneja. Por essa razão, continuam os autores, este tipo de evento nasce em consonância e como resposta ao hiperestímulo a qual a sociedade atual está submetida pelos meios eletrônicos diariamente.

Por um lado, observamos que esses megaeventos musicais indubitavelmente mobilizam circuitos superiores da economia urbana (Santos, 2008), tanto os vinculados à produção musical propriamente dita, como é o caso das gravadoras e seus artistas (Creuz, 2012), quanto de agentes e espaços promotores de eventos musicais, como são estádios de futebol ou enclaves temporários que não possuem nenhuma relação com a produção musical local e dinâmica do circuito sonoro instalado nos lugares (Alves, 2014, p. 281). Por outro lado, reconhecemos a existência de eventos musicais locais e regionais que, apesar de sua pluralidade, mobilizam sobretudo agentes vinculados aos circuitos inferiores ou superiores marginais emergentes e residuais, como os estúdios de gravação e de ensaios, e os artistas locais e regionais que deles se valem (Creuz, 2012); assim como circuitos sonoros e cenas musicais com forte vínculo ao cotidiano e às identidades dos mesmos lugares e regiões onde esses eventos ocorrem, como é o caso da Cena Mangue em Recife (Alves, 2014).

A partir desse referencial teórico, trazemos como objetos empíricos de análise eventos musicais que, no contexto do estado do Mato Grosso do Sul e mais especificamente na cidade de Dourados, podem ser considerados megaeventos, guardadas suas devidas proporções em relação aos mencionados anteriormente e que ocorrem nas principais metrópoles do país. A partir disso, levantamos as seguintes questões: quão destoantes se torna a existência de produtores locais pertencendo aos diferentes circuitos econômicos e sonoros quando comparado aos do Rock in Rio? Os agentes locais como os músicos, realmente são produtores do desenvolvimento local desses grandes centros ou só estão de passagem dando uma falsa sensação de desenvolvimento? Dão retornos significativos ao local de origem? Qual a diferença entre esses dois circuitos, o global e o local/regional? O que tornam eles tão distante?

Quando nos referimos às músicas autorais no Mato Grosso do Sul, nos vem à cabeça expressões músicas cristalizadas, atravessadas por uma identidade regional sul-mato-grossense e impregnadas por um modelo de sociedade que se refere ao ponto de encontro entre o espaço-tempo e suas técnicas. Porém, sabemos que a música não é um campo estático, por consequência, sofre alterações a partir do encontro de distintas identidades em suas próprias singularidades. Com o desmembramento administrativo dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, entre os anos de 1970 e 1979, uma geração de artistas foi marcada e reconhecida como representantes da música regional sul-mato-grossense, em troca da necessidade de efervescência artística voltada à música. Nesse sentido, entre 1960 e 1980 a música sul-mato-grossense se tornou uma divulgadora de questões socioambientais voltadas à cultura, principalmente ligadas à demanda ambiental para o Pantanal.

A partir disso, o governo do Mato Grosso do Sul promoveu, em 1999, um conjunto de festivais[2] que fomentam o nível das produções artísticas no estado, serviram de janela para músicos em início de carreira, também profissionalizou a cena cultural sul-mato-grossense, além de oferecer oportunidades de empregos para a comunidade. Nesse sentido, o Festival de Inverno de Bonito foi e é um grande marco, recebendo desde artistas mais alternativos, até "medalhões" da música brasileira. Além disso, o evento disponibiliza espaços com a intenção de dinamizar a economia local, contando com a participação de comerciantes e produtores locais de diversos setores econômicos, ao mesmo tempo que possui, especialmente no ramo turístico, é reconhecida como uma "cidade modelo" nacionalmente. Já em Corumbá, cabe mencionar a realização do Festival América do Sul, que serviu de palco para fomentar a integração entre os países da América do Sul.

Ao analisar as produções musicais autorais sul-mato-grossense foi possível identificar que dentre os elementos que antes eram necessários para estabelecer e concretizar uma identidade sul-mato-grossense tais como o Pantanal, a fronteira, as

[2] Como o Festival de Inverno de Bonito é um evento cultural realizado anualmente em Bonito, Mato Grosso do Sul, com programações que vão desde apresentações artísticas culturais como a música até debates sobre sustentabilidade. O Festival América do Sul ocorre em Corumbá e Ladário, promovendo a integração cultural entre países sul-americanos por meio de apresentações artísticas e debates. Já o MS Canta Brasil foi um projeto musical que trouxe artistas de renome nacional para apresentações gratuitas em Campo Grande, fomentando a cena musical local.

paisagens naturais e a cultura rural não possuem atualmente como centralidade as produções identitária do estado. Observa-se, tanto em termos de temáticas das letras quanto em relação aos ritmos e melodias, que os músicos locais, sofrem influências e estão voltados a um padrão globalizado da indústria musical.

As identidades musicais que antes marcavam a população sul-mato-grossense, como a polca paraguaia, e até mesmo elementos cantados que descreviam o estado, como as belezas naturais, as questões voltadas à fronteira e os conflitos indígenas, se perderam em meio ao sertanejo e canções de amores.

Os elementos em que me refiro como "primordiais" da identidade regional, são mostrados como autênticos e naturalizados, como no caso do boiadeiro (esse ligado ao sertanejo), a fronteira, e o Pantanal, porém deve-se levar em consideração que são seleções simbólicas construídas socialmente para um projeto de Estado que buscavam uma sociedade mais moderna a cerca do campo rural, definidos com finalidades específicas (políticas, pedagógicas, econômicas e turísticas), elementos estes definidos pelo projeto político de Estado em sua própria gênese/desmembramento, com uma preocupação simbólica para legitimar a "ilusão coletiva" e diferenciar a identidade do Mato Grosso com qual o Mato Grosso do Sul como já dito por Caetano (2013), com ajuda de grandes instituições como a Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS).

A validação desses ícones regionais que marcadas por instituições hegemônicas como o Estado, os meios de comunicação o turismo, o sistema educacional e até mesmo os eventos culturais oficiais teve como preocupação apresentar essas tradições como naturais e imemoriais, essa validação não deve ser considerada somente quando reforça símbolos oficiais pois estas padronizam e engessam a identidade regional, marginalizando e deslegitimando manifestações que fogem dessa norma, mostrando que a verdadeira disputa pela "hegemonia cultural" que exerce o poder simbólico, desconsiderando o papel dinâmico, múltiplo e contraditório da identidade.

Nas produções musicais mais recentes, especialmente aquelas lançadas a partir da década de 2010 por artistas locais independentes ou vinculados a circuitos comerciais regionais, observa-se uma menor ênfase em elementos simbólicos tradicionalmente associados à construção de uma identidade unificada do estado. Referências como o Pantanal, o peão e a natureza exuberante, que marcaram períodos

anteriores, especialmente durante a consolidação do imaginário sul-mato-grossense nas décadas de 1980 e 1990, foram substituídas ou diluídas por novas temáticas, como experiências urbanas, afetividades e dinâmicas globais do consumo musical. Essa mudança reflete, por um lado, transformações nos próprios sujeitos produtores e, por outro, uma crítica implícita à noção de uma "identidade única", já amplamente problematizada por teorias contemporâneas da cultura e da identidade.

Ao mesmo tempo, por não haver mais a necessidade da criação de um padrão simbólico de elementos para delimitar uma identidade sul-mato-grossense, abre-se espaço para outras questões e elementos mais sintonizados com as mudanças e características da sociedade atual. Assim, os elementos que antes eram o foco principal da produção musical estão agora mesclados a outros que refletem a própria dinâmica socioespacial atual do estado em conexão com outras escalas: a presença do agronegócio que articula símbolos do rural e do urbano, as tensões e conflitos étnico-culturais ligados aos povos indígenas, assim como aquelas relativas aos ambientes urbanos periféricos da juventude, ao papel das mulheres, entre outros.

As setecentos e sessenta e nove músicas de produção autoral nos últimos dez anos analisadas, nota-se que os principais assuntos abordados no conjunto das músicas são relacionados ao amor, solidão, empoderamento feminino, o agronegócio e a ostentação. Verificamos que somente setenta e oito músicas citam elementos identitários sul-mato-grossenses, muitos desses citam somente o nome de alguma cidade do Estado ou elementos como a fronteira e as belezas naturais. Os compositores dessas músicas são: Dagata & Os Aluízios, Borginho, Surfistas de Trem, Llez, Miliano MC, Giani Torres, Brô Mcs, Magno Abreu, Hermanos Irmãos, Muchileiros, Marina Peralta, Guilé, Kalú sem artifício e Banda Curimba.

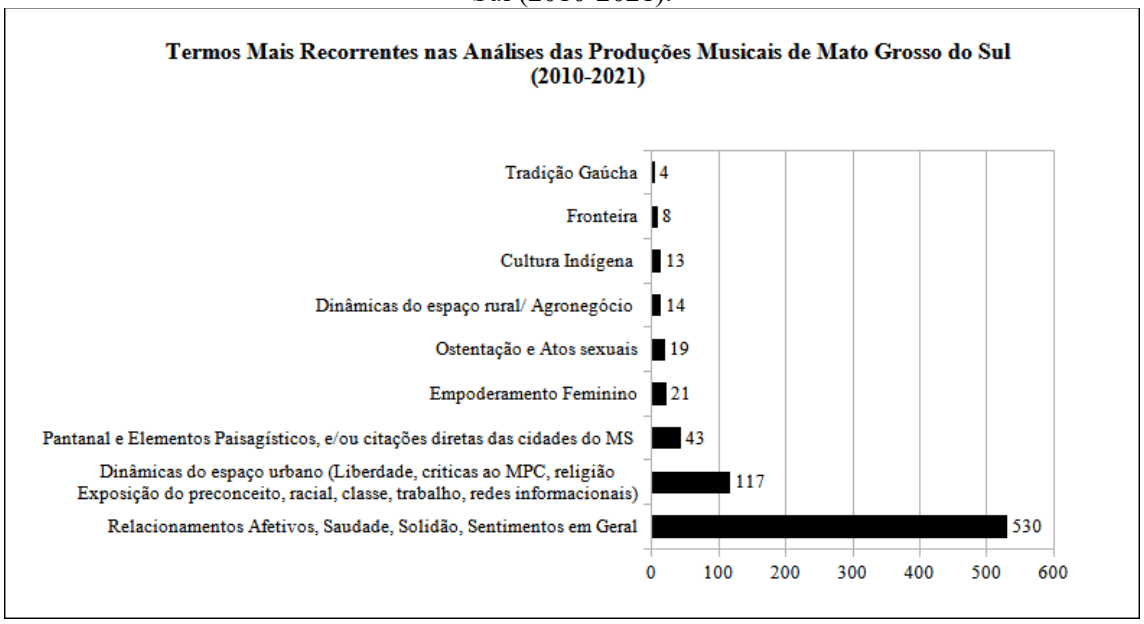
Dentre os elementos que se referem a Mato Grosso do Sul, notou-se que alguns deles, que no período de criação do estado foram necessários para estabelecer e concretizar uma identidade sul-mato-grossense tais como o Pantanal, a fronteira, as paisagens naturais e a cultura rural onde hoje em dia não possuem mais a centralidade das produções autorais dos músicos do estado. Contudo, é necessário problematizar a centralidade atribuída a esses elementos. A noção de que tais referências seriam

"primordiais" parte de uma concepção fixada e muitas vezes naturalizada da identidade regional, que desconsidera sua natureza histórica, política e construída.

Como demonstram Hobsbawm e Ranger (1983), tradições e símbolos nacionais frequentemente resultam de processos modernos de invenção, ainda que se apresentem como ancestrais. No caso sul-mato-grossense, a própria criação do estado em 1977 esteve acompanhada por uma engenharia simbólica articulada por meios de comunicação, como a TV Morena, afiliada da Rede Globo que veicularam uma imagem específica e homogênea da identidade regional, frequentemente descolada das dinâmicas culturais vividas pelas populações locais. Nesse sentido, a ausência desses símbolos tradicionais nas canções contemporâneas pode não representar uma perda, mas sim a emergência de outras formas de pertencimento e expressão cultural, que desafiam modelos hegemônicos de representação.

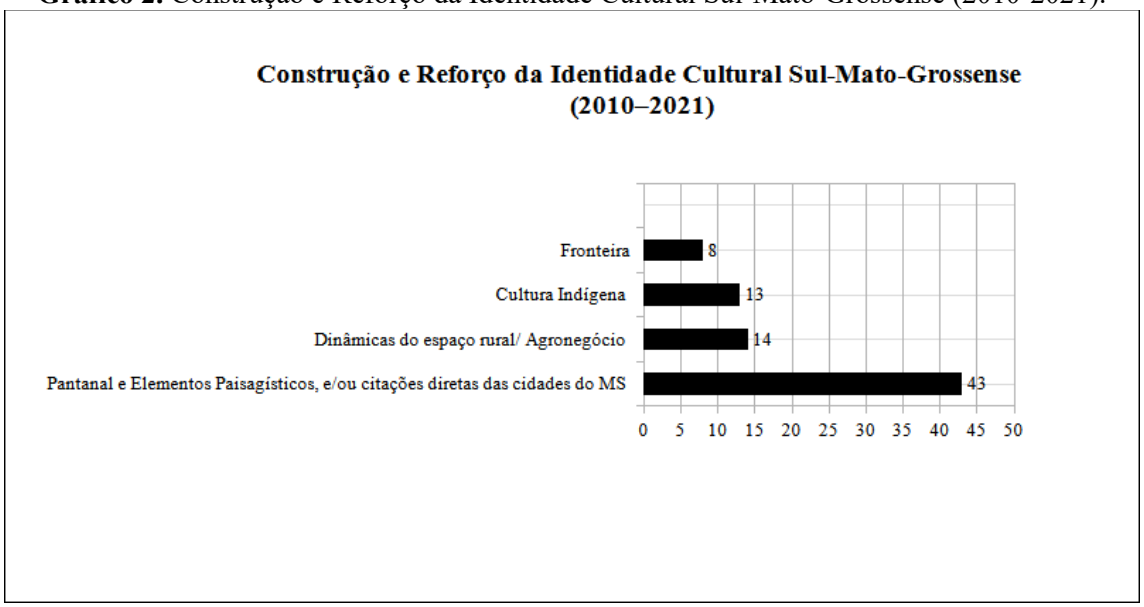
Como visto no Gráfico 1, apenas uma pequena parcela das composições autorais menciona elementos identitários relacionados ao estado. Nessas poucas ocorrências, observa-se que tais elementos são abordados de forma superficial ou aparecem mesclados a outras temáticas.

Gráfico 1. Termos Mais Recorrentes nas Análises das Produções Musicais de Mato Grosso do Sul (2010-2021).



Fonte: Elaboração própria (2024).

Gráfico 2. Construção e Reforço da Identidade Cultural Sul-Mato-Grossense (2010-2021).



Fonte: Elaboração própria (2024).

Entre os compositores restantes, é possível perceber tentativas de problematizar, por meio de suas músicas, questões e processos que atravessam a espacialidade de Mato Grosso do Sul. Ainda que elementos icônicos como o Pantanal e a fronteira sejam eventualmente acionados, nota-se também a presença de musicalidades

que emergem do cotidiano regional, mas que não necessariamente fazem referência direta aos símbolos mais recorrentes na construção da identidade sul-mato-grossense. Nesse cenário, a música pode ser compreendida, em certos casos, como atravessada por lógicas de mercantilização, refletindo traços de individualismo, meritocracia e discursos alinhados a uma racionalidade neoliberal. Ao mesmo tempo, os vestígios da indústria cultural local parecem se reconfigurar em expressões que, longe de uma homogeneização total, podem ser interpretadas como formas de resistência ou tensionamento frente às normas estabelecidas pelas dinâmicas capitalistas e pelo individualismo contemporâneo.

Os circuitos sonoros (Alves, 2008) podem ser compreendidos a partir de diversas vertentes e contextos, incluindo artistas e grupos musicais que criam canções de protesto, onde têm sido fundamentais para desafiar a narrativa neoliberal. Algumas experiências no contexto sul-mato-grossense, artistas estão se voltando às raízes culturais, resgatando tradições musicais que foram marginalizadas ou ameaçadas pela homogeneização cultural imposta pelo neoliberalismo. Isso inclui a valorização de ritmos, danças e línguas locais, promovendo uma identidade coletiva e o mercado local que resiste ao consumismo e à padronização global.

Observa-se que músicos se organizam em coletivos para a produção musical que desafiam a lógica de mercado considerado individualista, priorizando a fama e o lucro, como no caso dos Brô Mc 's, por mais que ainda inseridos mediante a lógica de produção capitalista dentro da indústria musical, buscam por meio de suas canções darem voz aos processos de ocupação e uso de solo de uma forma diferente da convencional. Esses coletivos buscam criar espaços inclusivos para artistas emergentes e promover uma economia solidária, onde os lucros são compartilhados e reinvestidos na comunidade local, além da valorização de sua própria cultura. Iniciativas de festivais de música independente como o FESTOP (Festival de Todos os Povos), realizado na Praça Antônio João, no centro da cidade de Dourados, além de valorizarem a música local, também um amplo conjunto de agentes ligados aos chamados circuitos inferiores da economia urbana (Santos, 2008), tanto vinculados diretamente à música como de outros setores da economia. Dado o fato de muitos desses agentes não possuírem tantos aparatos técnicos modernos, para realizarem suas atividades eles se apoiam na densidade técnica disponível no meio ambiente construído do centro da cidade, especialmente em suas áreas centrais,

como é o caso da Praça Antônio João, que, por sua vez, dispõe desde a iluminação pública, passando por vias de fácil acesso até a estrutura de "concha acústica" já presente nesse espaço.

Há também um crescente movimento dentro da música do Mato Grosso do Sul que aborda questões ambientais e de sustentabilidade, conectando a música nas lutas ecológicas. Um desses artistas que criam obras sobre a conservação da natureza é a cantora Marina Peralta, como fica patente em uma de suas canções, intitulada "Águas para o Pantanal", em que ela traz a luta contra as mudanças climáticas e a preservação de habitats naturais, em conflitos aos ideais neoliberais que priorizam o lucro em detrimento do meio ambiente, como exemplo o agronegócio, mesmo que participante e utilize das estruturas da indústria cultural global (grandes eventos, plataformas de streaming, assessoria de imprensa), não se anula o conteúdo crítico de suas obras, pois a mesma mostra a dialética entre apropriação e contestação dentro da lógica cultural do capitalismo. Esse ativismo musical pode mobilizar a população em torno de causas ecológicas, promovendo um novo entendimento sobre a relação entre a razão e a música, também tensionando debates sobre a relação homem/natureza trazendo para debate questões que afetam nossas vidas diretamente e que vale a pena ser valorizada.

Assim, a música não se mostra apenas como uma forma de expressão artística e cultural, pois é também um produto do modo de produção hegemônico, como no caso de cantores sul-mato-grossenses serem impulsionados pelo setor privado. Isso pode ser visualizado na maneira como a música é comercializada e monetizada através das plataformas de streaming, reforçando a lógica do capital e do consumo. Em contraste, existe um espaço onde a música serve como forma de resistência, questionando e criticando as estruturas de poder, servindo como meio de resistência. Diversos estilos musicais e gêneros, frequentemente marginalizados, representam uma voz contra o sistema, abordando temas de justiça social e criticando o capitalismo. Há músicas ou gêneros, como o sertanejo mencionado por Chã (2018), que adotam uma postura crítica, mas que são assimilados pelo mercado, tornando-se produtos de venda que reforçam as ofensivas neoliberais, como a superexposição dos artistas, a exploração de suas vidas privadas, ou a apropriação de músicas de resistência para fins comerciais.

Por isso, tomando em consideração o contexto regional sul-mato-grossense, há ainda compositores que prezam pela preservação da identidade cultural, o que é um tema relevante, a música pode tanto preservar essa identidade quanto ser "diluída" para atender às demandas de um mercado global. Essa diluição da forma crítica como valor estético, para Vladimir Safatle (2008), não deve ser entendido como um colapso, mas como um ponto de inflexão que exige uma reconfiguração da relação entre arte a sociedade e a subjetividade, onde até mesmo as músicas enquanto elementos das artes, da sociedade e da subjetividade passam por um esgotamento de sua crítica. A partir dessa ideia, podemos pensar igualmente que para produzir outras formas de experiência e desenvolvimento urbano, precisamos alargar suas concepções, incluindo a própria experiência musical, visto que não se abalam os alicerces da cidade sem abalar as formas musicais que nela circulam.

Como abordado por Furtado (1984) a cultura é o substrato essencial do desenvolvimento. Sem ela, o processo de transformação econômica se converte em mera imitação, incapaz de gerar autonomia ou identidade. Deve-se por sua vez criticar os modelos importados de desenvolvimento, principalmente econômico pois estes negligenciam as realidades históricas e culturais locais, uma vez que o Estado assume o papel ativo como indutor do desenvolvimento, mais do que crescimento econômico deve-se discutir um desenvolvimento pautado na cultura, nos saberes locais e na criatividade como principal força produtiva, valorizando as identidades culturais e regionais não apenas como expressões simbólicas mas também vendo estas como ativos econômicos capazes de gerar trabalho, renda e inclusão social.

Logo, as músicas produzidas intencionalmente de acordo com a demanda do mercado, quando são produzidas de forma “simples” são modificadas a depender do agente que está por trás, tanto da construção do objeto, quanto na construção do pensamento, vale ressaltar que, isso pode se dar de forma intencional ou não. Segundo Safatle (2008), vale julgar a música como um produto estético que deve ser criticado, mas que a crítica da mesma vem se esgotando aos poucos, na maneira em que vão se perdendo à individualidade ou melhor, utilizando-a, deve-se considerar também que mesmo os

espaços de crítica como o campo cultural[3] são atravessados por estruturas de poder e inserem-se nas dinâmicas do mercado.. A identidade, de pessoas e locais, é mediada de forma alienante a depender da sociedade que comanda os grandes circuitos sonoros.

DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DOS EVENTOS MUSICAIS: A CENTRALIDADE DOS CIRCUITOS INFERIORES DA ECONOMIA URBANA

Uma abordagem de desenvolvimento que não perde de vista o papel fundamental da cultura e da criatividade não é nova e nem importada por modismos estrangeiros, visto que elas já se fazem presente no território nacional há tempos, por exemplo, no pensamento de Celso Furtado (1978)[4], para quem a criatividade cultural, especialmente a artística, pode cumprir a árdua tarefa de recuperar uma visão global do Homem (sociedade) que assuma seu próprio destino ao mesmo tempo que busca manter-se em harmonia com a natureza. A partir dessa concepção, o desenvolvimento seria um processo mais que econômico, dado que ele está associado aos esforços de criatividade e melhorias nos sistemas de incitações, desde que políticas de valorização da identidade cultural sejam instauradas com o intuito de romper a dependência cultural imposta desde o processo de colonização e com os padrões de consumo que são imitados dos países desenvolvidos (Caetano; Missio, 2017). Caso contrário, sem uma política de crescente democratização dos centros de decisão nacionais, que passa por abrir espaço à realização das potencialidades da cultura (nacional, regional e local), tendemos a reproduzir os problemas estruturais do subdesenvolvimento brasileiro, que se funda, entre outros fatores, pela apropriação contínua de porções territoriais que, de forma itinerante, cria frentes de expansão capitalista que reforçam as bases de dominação (Brandão, 2012) e de alienação territorial e do território (Ribeiro, 2005).

Nesse sentido, um dos grandes problemas em relação aos megaeventos musicais é que apesar de movimentar fortemente a economia local, esse só acontece de

[3] Conforme Pierre Bourdieu, o campo cultural é marcado por disputas simbólicas, nas quais críticos atuam como agentes de consagração, influenciados por lógicas de mercado e interesses institucionais, podendo reforçar hierarquias e silenciar expressões periféricas.

[4] Celso Furtado, segundo Ministro da Cultura do Brasil (1986), idealizou o Plano Nacional de Cultura e defendeu a cultura como vetor de desenvolvimento regional. Em *Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise* (1984), propõe a cultura como instrumento de transformação social e superação do subdesenvolvimento.

modo pontual e restrito no tempo e no espaço, aos circuitos sonoros mais globalizados e aos capitais e empresas ligados a circuitos superiores da economia urbana, portanto, com sentidos e origens distantes e alienantes. Ao passo que os eventos locais realizados produtores musicais que permanecerem valorizando as identidades regionais e que abrem espaços para maior pluralidade de musicalidades, circuitos econômicos e agentes sociais, sobrevivem sobretudo por alguns financiamentos do Estado através de editais, apesar desses eventos possuírem maior possibilidade de promover um real desenvolvimento local. Seja esse desenvolvimento baseado em concepções mais tradicionais, como processo endógeno que promove o dinamismo econômico e melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais (Buarque, 2002); seja numa perspectiva alternativa, chamada por Hassan Zaoual (2006) de economia situada, que se funda nos termos da multiplicidade, pluralidade, territorialidade, diversidade de racionalidade e variedade de imaginários locais, que valoriza o patrimônio, a cultura e a identidade.

Para além das possibilidades de desenvolvimento local a partir da produção musical autoral, como apontado por Caetano (2016), também reconhecemos aqui as potencialidades que os eventos musicais podem contribuir para o desenvolvimento de uma cidade ou região. Porém, é preciso reconhecer a natureza desses eventos, pois, ao passo que os megaeventos, que contam com a presença de cantores internacionais que chamam atenção do público em geral, são financiados, apoiados e mobilizam sobretudo marcas, empresas e produtos vinculados aos circuitos superiores da economia urbana, os eventos locais e regionais, especialmente aqueles que agregam feiras criativas em sua programação e organização, fomentam diversos agentes vinculados aos circuitos inferiores e superiores marginais.

Dentre esses agentes, reconhece-se a forte presença de artesãos, trabalhadores informais e microempreendedores individuais (MEIs), agentes econômicos que ainda são responsáveis por garantir fontes de renda e trabalho para grande parte da população brasileira. Por exemplo, a informalidade ainda é expressiva, contando com cerca de 40,0 milhões de trabalhadores nessa condição, representando 38,6% da população ocupada em 2024; e no caso do Mato Grosso do Sul, apesar dessas taxas serem menores em relação aos do Brasil, ela ainda representa 21,2% da população ocupada do estado, em termos

absolutos representando aproximadamente 478 mil trabalhadores, segundo dados do IBGE.

No Mato Grosso do Sul (Quadro 1), os dados mostram 217.934 MEIs, 96.217 microempresas e 19.319 pequenas empresas, destacando a força do empreendedorismo no estado. O grande número de MEIs evidencia a busca pela formalização de atividades, enquanto as microempresas representam negócios em fase de consolidação. As pequenas empresas, embora sejam em menor quantidade, têm um impacto significativo na geração de empregos e no desenvolvimento econômico local, especialmente em setores como o comércio e serviços, grande parte da economia sul-mato-grossense. Fomentar as atividades dos comerciantes locais têm um peso muito grande, ao mesmo tempo em que a comunidade participa ativamente de eventos, como feiras locais, festivais musicais que oferecem oportunidade de que desenvolva diversos agentes e tipos de atividades econômicas. As mesmas, em geral, não participam de grandes eventos, como citarei na próxima parte da discussão.

Os microempreendedores e pessoas ocupadas informalmente são os pilares do desenvolvimento local. Neste caso, segundo Santos e Silveira (2001) o desenvolvimento local impulsionado é pelos recursos e capacidades internas das comunidades, e deve ser pensado a partir da articulação entre atores locais. A ênfase está no território enquanto espaço de ação, onde os agentes locais têm maior controle e autonomia sobre as decisões e políticas.

Quadro 1. MEIs, micro e pequenas empresas das Unidades Federativas e seleção de municípios do Mato Grosso do Sul.

UF	MEI	Micro	Pequenas	Municípios MS	MEI	Micro	Pequenas
AC	27.720	17.074	2.481	Campo Grande	71.357	112.165	10.244
AL	152.099	52.622	11.368	Dourados	16.703	28.806	1.730
AP	27.139	15.786	4.207	Três Lagoas	8.119	13.321	1.063
AM	160.370	68.857	19.882	Ponta Porã	4.601	7.698	727
BA	810.787	336.762	42.966	Corumbá	4.299	6.658	574
CE	457.214	201.419	21.258	Naviraí	2.723	5.204	334
DF	259.608	127.874	24.702	Paranaíba	2.485	4.465	224
ES	386.400	125.928	24.384	Chapadão do Sul	2.461	4.437	358
GO	565.758	278.539	36.559	Nova Andradina	2.380	4.595	589
MA	186.103	120.583	18.480	Maracaju	2.252	4.518	300
MT	282.402	147.534	35.487	Sidrolândia	2.159	3.686	314
MS	217.934	96.217	19.319	São Gabriel do Oeste	2.147	3.491	265
MG	1.712.331	691.945	99.039	Coxim	1.963	3.256	143
PR	1.014.362	577.105	73.577	Bonito	1.936	3.329	133
PB	206.936	81.434	12.635	Amambai	1.798	2.832	239
PA	332.051	125.875	37.649	Rio Brilhante	1.725	3.057	239
PE	475.696	167.556	33.934	Aquidauana	1.685	3.015	201
PI	120.082	72.636	10.695	Costa Rica	1.566	2.682	215
RJ	1.711.092	401.073	87.565	Jardim	1.549	2.537	126
RN	186.791	78.776	12.275	Caarapó	1.488	2.444	153
RS	953.296	470.659	85.113	Cassilândia	1.403	2.342	127
RO	95.857	46.899	8.888	Aparecida do Taboado	1.381	2.441	126
RR	27.478	12.771	2.545	Mundo Novo	1.331	2.027	67
SC	739.697	384.178	72.779	Bataguassu	1.317	2.233	171
SE	102.608	43.775	6.971	Ribas do Rio Pardo	1.233	2.223	553
SP	4.325.742	1.909.704	404.665	Ivinhema	1.232	2.359	144
TO	98.677	45.070	8.262	Nova Alvorada do Sul	1.077	1.808	86
Brasil	**15.636.230**	**6.698.651**	**1.217.685**	**Mato Grosso do Sul**	**217.934**	**96.217**	**19.319**

Fonte: Elaboração própria (2024), a partir de dados da Secretaria de Comunicação Social e Painéis do Mapa de Empresas (Governo Federal).

De um lado temos cantores que são financiados por editais que mal suprem os custos de uma pequena produção como o investimento em shows/festivais locais feitas sobre a praça, como o FESTOP (Festival de Todos os Povos) realizado na cidade de Dourados no Mato Grosso do Sul por intermédio do financiamento do Estado em primeira

instância, que agora em sua segunda edição tem sido financiado também por cooperativas, figuras políticas, comércios locais, e instituições privadas e públicas que movimentam e dão alicerce ao comércio local e regional. Neste Festival em específico, além de desenvolver o consumo de músicas que ainda carregam a identidade sul-mato-grossense em meio suas dissoluções, também promovem através da participação de criadores locais de obras materiais como artesanato, brechós locais, produtos alimentícios entre outros e tudo isso aberto ao público de forma gratuita, como visualizado na Figura 1. Os dispositivos técnicos e o próprio espaço físico é discrepante a depender das comparações que traçamos com outros eventos musicais, neste caso trouxemos para contraste um evento realizado na mesma cidade mas que atende um público diferente, voltados aos interesses do agronegócio, a EXPO AGRO possível visualizar na Figura 2, é uma feira destinada a venda de produtos agropecuários, veículos para campo, novas tecnologias condicionados ao agronegócio, mas sua principal atração são cantores que já fazem parte da cena em nível global e atrai o público.

Figura 1. FESTOP - Praça Antônio João, Dourados-MS, 2024.



Fonte: Site oficial da Fundação de Cultura do MS.

Figura 2. EXPOAGRO - Parque de Exposições João Humberto de Andrade Carvalho, Dourados-MS, 2024.



Fonte: Site Oficial do Sindicato Rural de Dourados, MS.

O último FESTOP (2024), evento local da cidade de Dourados, deu a oportunidade a 112 empreendimentos expondo no festival sendo grande parte, cerca de 92 empreendimentos da Feira Criativa e 20 da parte gastronômica. Em contraposição, temos megaeventos que superlotam as cidades que os sediam e que utilizam da música hegemônica para enriquecer multinacionais e artistas que pertencem a grandes gravadoras que tornam o mercado da música mais competitivo através do fluxo de informações, promovendo assim mais desigualdade e também são planejados para usar o território como recurso. A diferença entre eles não é somente a escala, é também a desigualdade de financiamento de veículos informacionais que possibilitam a competição e participação na dinâmica dos fluxos de distribuição informacional. Os capital investido disponibilizados através de editais para a promoção de eventos locais são extremamente baixos quando comparados aos investimentos para produção de um megaevento que envolve grandes patrocinadores.

Figura 3. Lollapalooza - Autódromo de Interlagos, São Paulo-SP, 2024.



Fonte: Aftermovie, Lollapalooza 2024/Youtube.

Figura 4. Rock in Rio - Cidade do Rock, Parque Olímpico, Barra da Tijuca-RJ, 2024.



Fonte: Aftermovie, Rock in Rio 2024/Youtube.

Abaixo, pode-se observar (Quadro 2) uma comparação entre os agentes financiadores, apoiadores e patrocinadores que "financiaram" os eventos realizados na cidade de Dourados, e pelos megaeventos globais realizados nas metrópoles brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro. A participação do Estado entre esses contextos mostra algumas estratégias variadas de incentivo e investimento, refletindo prioridades políticas

e econômicas diferentes. Enquanto os eventos locais contam, em grande parte, com recursos de prefeituras, secretarias estaduais e programas de fomento regional, os megaeventos globais costumam atrair financiamento federal e parcerias público-privadas, como grandes multinacionais.

Quando nos referimos às empresas privadas envolvidas, observa-se uma diferença significativa entre os perfis dos patrocinadores: Na Expoagro traz-se empresas do setor agroindustrial, instituições bancárias com forte presença na economia regional, no Festop, comércios locais. Já nos megaeventos realizados nas grandes cidades-vitrines, tem-se um predomínio de grandes corporações multinacionais, bancos de investimento e marcas globais, que veem nesses eventos oportunidades estratégicas de consolidação de mercado e fortalecimento de imagem criada a partir das redes sociais, padrões "instagramáveis". Esse contraste mostra não apenas as diferentes escalas de investimento, mas também o jogo de poder que orienta a produção e a apropriação do espaço urbano, reforçando dinâmicas econômicas e discursos hegemônicos, como o padrão agro-industrial.

Quadro 2. Comparação de Festivais analisados: Festop; Expoagro; Lollapalooza-SP; Rock in Rio-RJ, edições de 2024, segundo Realizadores, Apoiadores e Patrocinadores

	FESTOP (Festival de Todos os Povos) - Dourados, MS	**Expoagro – Dourados, MS**	**Lollapalooza-SP**	**Rock in Rio-RJ**
Realizadores	Bailinho do Dagata Produção Cultural e Economia Criativa	Sindicato Rural de Dourados	C3 Presents	Empresa Rock World
Apoiadores	**Estado e instituições governamentais** Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundação de Cultura do MS e SETESC); Prefeitura Municipal de Dourados; Câmara Municipal de Dourados; Deputada Federal Camila Jara; Deputada Estadual Gleice Jane. **Organizações e associações de classe** SESC/MS; SEBRAE/MS; ACED (Associação Comercial e Empresarial de Dourados) **Universidades públicas** UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados); UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) **Associações** Associação Cultural Casulo	**Estado e instituições governamentais** Prefeitura Municipal de Dourados; Governo de Mato Grosso do Sul; Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul **Organizações e associações de classe** FAMASUL – Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul **Palestras** Banco do Brasil; UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul); UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados); Fundação MS; GPP; SEBRAE; Sindicato Rural de Dourados-MS; Coperplan; Embrapa; AVIMASUL (Associação de Avicultura de Mato Grosso do Sul); ASUMAS (Associação Sul-Mato-Grossense de Suinocultores); Agraer (Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural); APROSOJA; Sistema FAMASUL/MS; BiotecLand by SulMIX; Creative Mad; Safras & Cifras; SoluBio; Pontal Academy	**Empresas privadas** Cielo; Tic Tac; Bet Nacional; Estácio; Via Mobilidade (Linhas 8 e 9)	**Empresas privadas** Johnnie Walker; Movida

Patrocinadores	**Empresas privadas** Sicredi; Unigran; Caixa de vidro (Glass Box)		**Empresas Privadas** Bradesco; Budweiser; Johnnie Walker; Vivo; Lanche Social do Clube; Coca Cola; McDonald's; Fiat; Mike's; Sadia; Smirnoff	**Empresas Privadas** Itaú; Heineken; Volkswagen; Coca Cola; Seara; Doritos; Tempo; Kit Kat; Ipiranga; Prudencial; C&A; Natura

Fonte: Elaboração própria (2024), com informações levantadas a partir de sites oficiais dos eventos.

Os eventos globais são atravessados por uma lógica de competitividade que orienta as cidades a se posicionarem como vitrines no palco global (SÁNCHEZ; MOURA, 1999). Essa dinâmica é especialmente evidente em contextos como a Expoagro ou outros megaeventos culturais e musicais, onde as cidades se preparam para atrair investidores e visitantes, reforçando sua capacidade de receber grandes produções e artistas de renome. Contudo, essa prática está intimamente ligada à lógica neoliberal, que promove a ideia de que todo local que adotar esse modelo se desenvolverá de forma plena, o que não é possível em todos os territórios.

Na competição global entre cidades, aquelas que conseguem se moldar às demandas do mercado acabam se destacando. A "cidade-vitrine" é aquela que investe na tecnosfera, infraestrutura técnica e tecnológica, mas que depende diretamente de sua psicosfera, o imaginário coletivo e a experiência social que transforma o espaço em um lugar atrativo. Entretanto, não são todos os espaços urbanos que conseguem acompanhar essa transformação, e, muitas vezes, o desenvolvimento territorial acaba privilegiando uma monocultura de experiências estéticas, apagando a diversidade local em nome de um padrão globalizado. Por exemplo, eventos como o Rock in Rio são planejados para utilizar o espaço urbano como recurso, eliminando barreiras como as próprias pessoas utilizando de mecanismos como o próprio processo de gentrificação urbana para maximizar sua eficácia. Por outro lado, iniciativas menores, como festivais locais, utilizam espaços mais como abrigo (Gottmann, 2012 [1975]; Santos, 1998), pois não possuem os mesmos recursos e intencionalidades como o olhar para o lucro e desenvolvimento econômico

como foco principal. Os festivais locais têm como seu principal pilar levar culturas de diferentes matrizes para diálogo e desconstrução de um mundo desigual mediante as condições socioeconômicas e culturais. A Expoagro no Mato Grosso do Sul é um exemplo de como a cidade pode se moldar para atender à lógica de competitividade, mas é necessário questionar: até que ponto essa estrutura prepara a cidade para se desenvolver de forma inclusiva e diversa?

A lógica neoliberal também alimenta a ideia de que as cidades podem competir igualmente, ignorando desigualdades estruturais como os recursos disponíveis no território. A possibilidade de realizar megaeventos é vista como algo acessível a todas as cidades, mas isso desconsidera a violência simbólica e econômica do processo. A monetização das experiências musicais, por exemplo, cria circuitos sonoros pseudoacessíveis, em que a diversidade é suprimida pela monocultura do mercado global como no caso das atrações que são confirmadas nos megaeventos. Essa violência também é refletida na maneira como as experiências são projetadas e consumidas, muitas vezes padronizando o que deveria ser plural. Um caminho alternativo seria mudar a lógica de competição e investir em novas formas de cooperação e diversificar a cultura local. Ao invés de priorizar exclusivamente eventos globais e grandes artistas, por que não apoiar e promover a estética cultural local, como as manifestações musicais do Mato Grosso do Sul dadas em eventos menores? É fundamental não apenas preparar a tecnosfera, mas também transformar a psicosfera para valorizar e coexistir com identidades musicais diversas, ao invés de somente apagá-las.

Não há acontecimento (evento) sem ator e sem lugar (Santos, 2009), não há pensamentos desvinculados a uma espacialidade, as imaginações espaciais fazem parte do cotidiano, não há eventos ou ações desconectadas de um lugar, esses eventos acontecem de duas formas, uma vinculada a intenção e a outra de forma espontânea, um evento pode ser duradouro e perpassar por anos ou viverem na efemeridade.

Segundo Milton Santos (1998), território e suas intencionalidades podem ser analisados a partir de dois sentidos políticos fundamentais: o dos usos do território como abrigo e dos usos como recurso. Quando pensamos nos eventos musicais locais e na atuação dos microempreendedores e trabalhadores informais, percebemos que o território é, ao mesmo tempo, um espaço de proteção (abrigo) e um meio de sobrevivência

(recurso). No entanto, essa apropriação nem sempre acontece de maneira livre. A regulação do espaço urbano, os processos de gentrificação e a mercantilização da cultura muitas vezes restringem essas práticas, tornando o território um campo de disputa.

As universidades são exemplos disso, pois enfrentam cortes de orçamento, a imprensa também luta para sobreviver em um mercado dominado por conglomerados manipuláveis facilmente por dinheiro, os espaços culturais são cada vez mais voltados a eventos privados e nichados. Sem esses pilares, a crítica musical perde território e se torna uma voz isolada em um mundo dominado por interesses de mercado. E há ainda o ritmo acelerado que o neoliberalismo impõe sobre os produtores locais de música. Tudo deve ser feito rápido, seja o trabalho, o consumo ou a diversão. Nesse ambiente, a crítica, que exige tempo, paciência e profundidade, parece fora de lugar. O mundo neoliberal não valoriza o questionamento, mas sim a eficiência e a produtividade. Mas será que a crítica está realmente morta? Talvez não. Talvez ela esteja se transformando, criando novos espaços para sobreviver. Vemos isso em movimentos sociais, em plataformas independentes e na luta de muitos que insistem em criar conteúdos que vão além do superficial solicitado, como as músicas para plataformas de streamings efêmeras. Ainda assim, essas iniciativas enfrentam o mesmo desafio: resistir a um sistema que transforma até a rebeldia em mercadoria como os produtores autorais musicais do Mato Grosso do Sul.

O desafio que enfrentamos hoje é o de recuperar a crítica como uma prática coletiva e que transforma, como foi a criação da música sul-mato-grossense em seus primórdios na necessidade de avançar com uma identidade coletiva a respeito do estado do Mato Grosso do sul que se emancipava de seu vizinho. Isso exige repensar nossas prioridades, valorizar o tempo da reflexão e criar espaços onde ideias possam ser debatidas sem a pressão do mercado. Porque, no fim, a crítica é essencial não apenas para entendermos o mundo, mas para mudá-lo, pois se a mesma é um evento vai se pender para algum lado, criando novos espaços.

CONCLUSÃO

Os microempreendedores e os trabalhadores informais são a estrutura do desenvolvimento local, movimentando a economia de maneira ativa a todos os momentos e espaços, especialmente em espaços onde a cultura e a música ganham protagonismo. Em Dourados, Mato Grosso do Sul, os eventos musicais não são apenas momentos de lazer, mas pontos de encontro onde a ação se espacializa, negócios ganham fôlego e laços comunitários fortalecem-se. Desde o vendedor ambulante ao técnico de som, da artesã ao produtor musical, todos contribuem para um ecossistema econômico e cultural que vai além do entretenimento, como as canções tradicionais identitárias do Mato Grosso do Sul, uma forma de sobrevivência e pertencimento.

No entanto, essa dinâmica acontece em um cenário urbano cada vez mais marcado por regras que tentam limitar e organizar as expressões espontâneas. A crítica estética, que antes servia como ferramenta para questionar essas imposições, parece estar se esgotando diante da mercantilização da cultura e da transformação dos espaços alternativos em produtos vendáveis. Ainda assim, há resistência: cada evento musical de rua, cada feira independente, cada show de artistas locais é uma reafirmação de que a cidade é feita pelas pessoas que nela vivem e criam. A produção do espaço urbano, nesse sentido, não é só um reflexo do que já existe, mas um processo contínuo, moldado pelo encontro entre arte, trabalho e a vida cotidiana.

O enfraquecimento da crítica musical como estética tem prejudicado a criação e fomentação de eventos locais, pois quem frequenta, consome e produz estão limitados a espaços cedidos na maioria das vezes; barrando a todo instante em um pilar, o econômico, os investimentos. O que se torna contraditório pois diferentemente dos megaeventos comparados ao longo do artigo, os eventos locais parecem estar interligados a uma dinâmica destoante, pois consegue na medida do possível desenvolver o local em que se vive, não é à toa que os mesmos dão retorno para o próprio local em que se vive mas não são reconhecidos e impulsionados para promoção de mais eventos potenciais. Dourados é uma cidade vitrine, vitrine de descaso e desvalorização da cultura local que movimenta grande parte da economia através de empregos informais promovidos a partir de eventos musicais em locais de ocupação como praças e parques.

O desenvolvimento local que os megaeventos promovem são efêmeros, mas organizados, como uma cortina de palco, que funciona somente em determinados

momentos a partir da intencionalidade, abrir ou não abrir? Primeiro, crie-se uma estrutura ideológica, neste caso a indústria cultural do agronegócio como as musicalidades do Mato Grosso do Sul, que alimente os imaginários de pessoas sobre a importância e o impacto do evento, normalmente ligado ao egocentrismo dos indivíduos pautadas ao acúmulo de capital individualizado, fazendo com que ele seja aceito e desejado pela sociedade. Só depois é que se prepara a tecnosfera, ou seja, toda a infraestrutura e os recursos necessários para atender ao público esperado como o local escolhido para realização dos shows. Esse processo é geralmente impulsionado por grandes empresas multinacionais, que financiam o evento com o objetivo de fortalecer interesses econômicos e mercadológicos. No caso da EXPOAGRO, por exemplo, toda a preparação gira em torno de transporte, investimentos e gerar lucro, muitas vezes deixando de lado as reais necessidades e potencialidades da comunidade local.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cristiano Nunes. **O circuito sonoro: radiodifusão FM e produção fonográfica em Campinas-SP**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geografia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2008.

ALVES, Cristiano Nunes. **Os Circuitos e as Cenas da música na cidade do Recife: o lugar e a Errância Sonora**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Carlos. Celso Furtado: subdesenvolvimento, dependência, cultura e criatividade. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 14, n. 1, 2012.

BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

CAETANO, Gilmar Lima. **Elites letradas e música regional: uma história sobre a identidade cultural sul-mato-grossense.** *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, MS, v. 15, n. 26, p. 109-123, jul./dez. 2013.

CAETANO, João Evânio B. A música como indutora de desenvolvimento local. **Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional de Sistemas Produtivos)**. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Ponta Porã, 2016.

CAETANO, João Evanio Borba; MISSIO, Fabricio José. Notas sobre o papel da cultura no desenvolvimento em Celso Furtado. **Textos de Economia**, v. 20, n. 1, p. 19–35, 13 nov. 2017.

CHÃ, Ana Manuela. **Agronegócio *e indústria cultural:* estratégias das empresas para a construção da hegemonia,** São Paulo: Expressão Popular, 2018.

CREUZ, Villy. Música e Trabalho nas Cidades: o circuito superior marginal e inferior em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Goiânia e Recife. **Para Onde!?**, v. 6, n. 2, p. 32–42, 11 set. 2012.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DUARTE, Luciano; FRANK, Bruno. **Psicosfera: contribuições teóricas a partir de investigações geográficas**. Porto Alegre: Editora TotalBooks, 2024.

FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MATO GROSSO DO SUL. **Festival de Inverno de Bonito**. Disponível em: https://mscultural.ms.gov.br/festival/festival-de-inverno-de-bonito/. Acesso em: 27 mar. 2025.

FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MATO GROSSO DO SUL. **Festival América do Sul**. Disponível em: https://www.festivalamericadosul.ms.gov.br/festival/. Acesso em: 27 mar. 2025.

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 523–545, 2012.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 14, n. 1, p. 52–65, 2014.

MENDES, Suzana; ARAUJO, Ana Paula. Festival América do Sul: fronteira e identidade em foco. **Revista Observatório da Economia Latino-Americana, Curitiba**, v. 22, n. 6, p. 1-21, 2024.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. **OSAL (Observatorio Social de América Latina)**, v. Ano 6, n. 16, p. 263–272, abr. 2005.

SAFATLE, Vladimir Pinheiro. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Autêntica, 2016.

SÁNCHEZ, Fernanda; MOURA, Rosa. Cidades-modelo: espelhos de virtude ou reprodução do mesmo. **Cadernos Ippur**, v. 13, n. 2, p. 95–114, 1999.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. Da política do Estado à política das empresas. **Cadernos da Escola do Legislativo de Minas Gerais**, n. 6, p. 9–23, dez. 1998.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: EDUSP, 2013.

VAINER, Carlos B. Cidade de Exceção: Reflexões a Partir do Rio de Janeiro. **Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano (ANPUR)**, vol. 14, 2011.

VAINER, Carlos **et al.** (Org.). **Os megaeventos e a cidade – Perspectivas e críticas**. Letra Capital Editora LTDA, 2016.

ZAOUAL, Hassan. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Rio de Janeiro: DP&A : COPPE/UFRJ, 2006.

Recebido em março de 2025.

Revisão realizada em agosto de 2025.

Aceito para publicação em setembro de 2025.